

Tributo ao padre Reginaldo Veloso

Tribute to priest Reginaldo Veloso

José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino)
Universidade Católica de Pernambuco - Brasil

Resumo

O padre Reginaldo Veloso foi um grande referencial para a Igreja Católica Romana no Brasil, especificamente no que se refere a liturgia. Sem dúvidas foi uma das figuras mais importantes na Igreja Romana em Olinda e Recife, onde esteve servindo durante 63 anos. Reginaldo Veloso foi um ser humano de extrema grandeza e envergadura incomum. Presbítero, esposo, pai, poeta, compositor, liturgista e ativista social, pautou toda a vida pelo Evangelho, dedicando-se incansavelmente, com todos os recursos humanos que era dotado à causa da evangelização, numa atuação que ocorreu, primordialmente, entre os empobrecidos, tendo como Bispo Dom Helder Camara. Transitava com igual inteireza entre a árdua atuação nos movimentos sociais e a entrega amorosa na gratuidade da liturgia.

Abstract

Priest Reginaldo Veloso was a great reference for the Roman Catholic Church in Brazil, especially in regard to the liturgy. Without a doubt, he was one of the most important figures in the Roman Catholic Church in Olinda and Recife, where he served for 63 years. Reginaldo Veloso was a human being of extreme splendor and unusual proficiency. Priest, husband, father, poet, composer, liturgist and social activist, he guided his whole life by the Gospel, tirelessly dedicating himself, with all the capacities he was endowed to the cause of evangelization, in an action that happened, primarily, between the impoverished, having as a Bishop Dom Helder Camara. He moved with equal integrity between the arduous acting in social movements and the loving delivery in the gracefulness of the liturgy.

Palavras-chave

Reginaldo Veloso.
Empobrecidos.
Atuação social.

Keywords

Reginaldo Veloso.
Impoverished.
Social acting.

Introdução

O que se pode dizer de um amigo querido após a partida? De um amigo que também é um mestre e um irmão de todos. Um exemplar presbítero, esposo e pai? Um ser humano comprometido com as grandes causas da humanidade. Um ativista social de referência? Dizer o quê? Era brilhante? Inspirado? Encantador? Trabalhador incansável? Sempre disponível? Poeta e sonhador? Tudo isso se pode dizer e muito mais.

O Padre Reginaldo Veloso teve uma importância fundamental ao firmar os valores e exigências de uma vida religiosa inserida no tempo, aberta aos desafios, acesa para os dons do Espírito Santo. Com autoridade indiscutível, ajudava as pessoas, mesmo aquelas ainda inseguras, a firmarem valores na caminhada e defendê-los com convicção. O seu lindo trabalho no Morro da Conceição e adjacências foi um luzeiro para muitos/as que o procuravam no grande Recife, no Nordeste e no Brasil. Reconhecido trabalho através de uma vocação lúcida e sempre aberta ao novo. Isso fará falta.

Encantava-nos também a disponibilidade para acolher a todos/as, sobretudo os/as empobrecidos/as e excluídos/as. Sua porta estava sempre aberta para dizer uma palavra, mesmo à imprensa não negava uma oportunidade para falar, anunciar e denunciar. Dizia: “temos que aproveitar as oportunidades para lançar a semente”. A presença amiga, as afirmações engraçadas e a santidade contagiante farão falta. Expressava a dimensão comprometida da fé cristã através da arte e da beleza, principalmente da poesia e a melodia dos cânticos nas celebrações populares e na caminhada das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Mas, o Deus da vida o acolheu em um momento quando precisávamos muito dele. Temos agora a responsabilidade da continuidade ao seu sonho, animados/as pelo mesmo entusiasmo e esperança.

Um dos aspectos mais bonitos de seu legado é a intransigente defesa dos/as empobrecidos/as e oprimidos/as. Cultivava um grande senso de justiça e firmeza ética. As vivências na Ação Católica o marcaram mais do que a passagem pelo seminário. Bebeu na fonte de um movimento marcando enormemente a vida da Igreja Romana pós conciliar. A experiência de

conhecer o que acontecia no Concílio Vaticano II (1962-1965) e a experiência vivida no meio dos/as empobrecidos/as o levaram a três motivações espirituais que se tornaram orientações para a sua vida de presbítero: valorizar os/as empobrecidos/as, aceitando aprender deles lições de vida e o apelo de ter sempre presente as perspectivas, ressaltando sua ação junto às crianças e adolescentes; relacionar-se com gratuidade (sem esperar retribuição ou conquistas); procurar ser sinal de esperança no dia a dia.

José Reginaldo Veloso de Araújo, alagoano do município de São José da Laje, nascido em 03 de agosto de 1937, veio para Recife estudar em 1945 e ficou até 1958 quando foi a Roma completar os estudos da formação presbiteral até 1966. Quando voltou ao Pernambuco, tornou-se professor no Seminário Cristo Rei, em Camaragibe - PE. Não demorou muito para ser convidado para administrar a Comunidade Santa Maria, na Paróquia da Macaxeira, permanecendo até 1977. Posteriormente, foi para sua última paróquia, onde ficou até 1989, o Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Nessa época, Dom Helder Camara torna-se Bispo Emérito e tudo mudou na área eclesial. O novo Arcebispo que assumiu em 1985 não continuou o trabalho do Dom e iniciou o conhecido “desmonte eclesial”. Nesse contexto, Padre Reginaldo foi destituído da paróquia e suspenso de ordem. Mas, continuou morando no Morro da Conceição e até o final da vida acompanhava três Comunidades Eclesiais de Base. Era firme nas convicções e não temia ser incompreendido ou julgado por defender o que acreditava, procurava viver cotidianamente o Evangelho de Jesus Cristo com coerência e fé, defendia o que acreditava com garra e força. Argumentava, justificava de forma coerente e profunda. Era sua marca se rebelar contra toda forma de opressão, injustiça e autoritarismo.

Padre Reginaldo se assumia como presbítero leigo das CEBs. Em 23 de abril de 1994, casou-se com Edileuza Veloso e desse amor, nasceu o filho João José. A partir desse novo contexto, viveu o ministério a partir da Igreja da Casa e como presbítero casado, era reconhecido pelas CEBs que o convidavam sempre para a assistência as necessidades, colocando-se à disposição para os inúmeros convites, principalmente da Igreja Católica Romana no Brasil.

Nos tempos de dom Helder

Conheci padre Reginaldo Veloso em Ribeirão, em outubro de 1980, durante a injusta expulsão do padre italiano Vito Miracapillo. Reginaldo era administrador da Paróquia do Morro da Conceição em Recife, no tempo de Dom Helder. Viajava com frequência a Ribeirão, cidade devastada pela opressão dos usineiros e senhores de engenho, e sem o padre que era considerado “pai dos pobres”, prestava solidariedade aos/as trabalhadores/as da “palha da cana” visitando os engenhos, muitas vezes, viajava de carona em cima de um caminhão de transporte dos/as chamados/as “boias frias”. Nesse interim, estive com Reginaldo muitas vezes. Sua poesia profética o levou a prisão em plena Ditadura Civil-Militar quando compôs o hino: “Vito, Vito, vitória”, crítica ácida aos poderosos usineiros e ao sistema de justiça brasileiro, vendido e acovardado, que expulsara o padre italiano.

Reencontramo-nos no Recife, ele grande referência das CEBs e da liturgia no sentido mais pleno da palavra, de quem sabia o que significa realmente celebrá-la como expressão do vivido e eu - com muitas voltas - seminarista da Igreja Católica Romana, membro da Diocese de Palmares - PE e morando, na ocasião, no Morro da Conceição. Presenciei de perto todo “desmonte eclesial” com a substituição de Dom Helder a partir de 1985. Nesse sentido, um terrível acontecimento foi a suspensão de ordem do exercício sacerdotal, imposta ao Padre Reginaldo Veloso, o que considero um ato injusto da Igreja Romana. Após a citada situação, iniciou as Comunidades Fé e Resistência no Morro da Conceição e adjacências.

A história de Reginaldo Veloso pode ser dividida em várias etapas. Em 1961, aos 24 anos, foi ordenado padre, em Roma, quando a Igreja Católica Romana iniciava a preparação do Concílio Vaticano II. Como se especializava em Liturgia e em História, acompanhou de perto as discussões durante o Concílio, especificamente, em relação a Liturgia e Pastoral. Logo percebeu a ação litúrgica como expressão das vivências entre as pessoas. De forma evidente, entendia a relação entre as pessoas expressando o tipo de humanismo vivido. Com a formação bíblica e teológica, observando a riqueza

sociocultural e por ser incansável a serviço das comunidades, a contribuição de Reginaldo foi sempre lúcida e oportuna.

Ele voltou de Roma ao Brasil e encontrou à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Helder Camara empenhado em pôr em prática as decisões do Concílio nas paróquias e em todos os níveis de pastoral. Como padre jovem, estava muito atento a tudo que acontecia. Não enveredou pelo clericalismo, mas pela profunda inculturação da pastoral litúrgica nos meios populares. Os estudos em Roma lhe fizeram ver melhor a distância imensa entre a visão litúrgica do clero, mesmo na chamada “Liturgia Renovada” e a piedade do povo católico que continuava vinculado a devoções e a expressões tradicionais da fé. Nesse ponto foi muito fiel. O último assessoramento fora de Pernambuco, ocorreu em Juazeiro do Norte - CE, em 04 de janeiro de 2020, onde a inculturação dos Salmos nas romarias foi o tema das reflexões realizadas.

No contexto litúrgico brasileiro, Reginaldo foi uma presença inegável em vários âmbitos. Com ele, a liturgia inculturada foi ampliada enormemente. Por meio de cursos e inúmeras assessorias, possibilitou uma forma própria de fazer liturgia, encarnada na vida, conquistando espaço nos corações e mentes. Não poderemos deixar de lembrar que todas as introduções teológico-litúrgicas do *Hinário Litúrgico da CNBB* foram elaboradas por Reginaldo Veloso. Também contribuiu com preciosas notas mistagógicas¹ que encabeçam o repertório de cada domingo, como por exemplo esta do 4º domingo, Ano A:

Jesus sobe à montanha. Os discípulos se aproximam. Jesus anuncia as Bem-Aventuranças! É assim que a boa notícia do Reino chega para subverter todos os ilusórios padrões de felicidade que o mundo das ambições mesquinhas e imediatistas, em todos os tempos e lugares, vem propondo aos olhos, aos ouvidos e aos corações ávidos e inquietos da humanidade. Jesus Filho de Deus, pessoalmente, vem dar os parabéns a quem descobriu a felicidade no mais profundo do seu ser, ao sentir o prazer maior de fazer a vontade de Pai, colocando-se a serviço dos irmãos e irmãs, mesmo correndo o risco da perseguição. Aí começa a vida nova, um novo ser

¹ A **Mistagogia** é a arte de conduzir os fieis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito, gesto e símbolo.

humano, capaz de cantar um cântico novo” (Hinário Litúrgico, 2016, p. 112.)

Esse texto demonstra uma grande leveza do autor ao retratar Jesus no contexto das Bem-Aventuranças, o seu tema preferido para meditação, que lhe serviu de embasamento para compor o hino “Meus Parabéns em Nome de Cristo”, uma descrição belíssima das Bem-Aventuranças, sendo que, em sua concepção, elas começam com as crianças. Reginaldo Veloso usava de discrição no que fazia e a quem devia ser atribuídas belas iniciativas. Uma delas foi a fundação de um movimento de adolescentes e crianças em julho de 1968, na Ilha de Maruim, periferia de Olinda/PE, território com maior índice de violação dos direitos das crianças e adolescentes, evidenciado em pesquisa inspirada na Declaração Universal dos Direitos das Crianças, realizada pela equipe arquidiocesana de catequese de Recife e Olinda.

Recebeu naquele momento, a convite de Dom Helder Camara e Dom Lamartine, a pediatra francesa Marie Guillen (conhecida como Maria Francesa), da Ação Católica Infantil (ACE) vinculada ao Movimento Internacional de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MIDAC/MIDADEN), para iniciar uma experiência de convivência e protagonismo infanto-juvenil. Uma outra possibilidade de evangelizar, educar a partir da vida, sobretudo a partir da brincadeira, a proporcionar leitura de mundo, reflexões sobre as experiências vividas, oportunizar vez e voz, participação e protagonismos nas mobilizações por direitos e da comunidade.

Em janeiro de 1969, teve acesso a essa experiência, assessorando e disseminando o que em 1975, recebeu o *status* de “movimento” com a denominação de *Movimento Amigos das Crianças (MAC)*. Mas, em 1984, o nome foi alterado pelas próprias crianças e adolescentes em assembleia nacional com a justificativa que se o movimento era delas, não poderia permanecer como de “amigos”, sendo então nomeado Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC). Por toda essa história, existe um consenso que Reginaldo Veloso contribuiu muito para a fundação do MAC.

Reginaldo tinha assimilado profundamente os horizontes do Concílio Vaticano II e das memoráveis Conferências Episcopais de Medellin e de Puebla

e era fiel colaborador do nosso eterno Arcebispo Dom Helder Camara, não imaginando que enfrentaria anos difíceis.

Os anos de chumbo

A Igreja assumia a missão no mundo a partir dos ecos do Concílio Vaticano II que, no contexto da Arquidiocese de Olinda e Recife, era marcada pelo profetismo de Dom Hélder Camara (ROCHA, 2000, p.172-176) apelidado pelos inimigos da democracia como “arcebispo vermelho”, uma alusão explícita em uma época em que o Comunismo era abominado como o "mal dos males" e a defesa do Capitalismo era vista como meta juntamente com a defesa da pátria contra o "perigo vermelho", e essa falácia que perdura ainda na atualidade.

Nesse contexto, a chegada de Dom Hélder em Recife ocorreu em um momento delicadíssimo da sociedade brasileira diante dos últimos acontecimentos políticos. O golpe militar, ocorrido em 31 de março de 1964, provocou profundas alterações políticas, sociais, econômicas e culturais no Brasil com o governo de João Goulart deposto do poder. Os militares tinham assumido o governo com um discurso de logo devolver aos civis, mas essa conversa perdurou por 21 anos, chamados pelo jornalista Luiz Octavio de Lima como “os anos de chumbo!” (LIMA, 2020). Um dos interlocutores de Dom Hélder, Padre Ernane Pinheiro, afirmou:

(...) dois fatores significativos acentuaram a importância primordial da nomeação inesperada de Dom Hélder para o Recife: a) o recente golpe militar de 31 de março de 1964; b) o Concílio Vaticano II em plena e pujante fase de construção (já duas sessões tinham acontecido). (ROCHA, 2000, p. 77)

O Padre Reginaldo Veloso viveu intensamente as décadas dos anos 60, 70 e 80, turbulentas para a História do Brasil. Sobretudo, os anos de 1960 manifestados como “década de esperanças e tristezas”. Esse período amanheceu sob o florescimento das organizações dos movimentos sociais e das manifestações que se alastraram pelo país nas mobilizações por melhores condições de vida e terminaram em uma ditadura comandada pelos militares e aliados civis.

Em abril de 1964, doze dias após a instalação do regime militar no Brasil, ao chegar na capital pernambucana, Dom Helder indicou o tom de sua missão. O bispo nordestino mostrou, através do discurso de posse, que apesar das mudanças políticas vivenciadas no país, seria o bispo de todos/as e com preferência evangélica pelos mais pobres, a sua principal preocupação seria com os/as empobrecidos/as, marginalizados/as e excluídos/as da sociedade. Assim afirmou:

Ninguém se escandalize quando me vir freqüentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. [...] Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionário ou revolucionário, tidas como de boa-fé ou de má fé. [...] Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. [...] Minha porta e meu coração estarão aberto a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno. [...] Claro que amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres (BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 85).

Nesse contexto, o jovem Padre Reginaldo Veloso foi sintetizando a teoria e a prática e permitiu, assim, crescer nele o amor aos/as empobrecidos/as e injustiçados/as. A perseguição a Dom Hélder e seus colaboradores/as foi uma escola para Reginaldo, tornando possível imaginar um cenário de lágrimas derramadas pelo presbítero amoroso ao ver a morte de companheiros assassinados em opressões ou mortos em decorrência da fome. Um momento marcante e inesquecível para o padre Reginaldo Veloso, foi o assassinato de um colega no sacerdócio em maio de 1969. Antônio Henrique Pereira da Silva Neto, jovem padre responsável pela Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Olinda e Recife, foi violentamente torturado e assassinado, seu corpo foi encontrado nos arredores da Cidade Universitária, no Recife. Reginaldo contava sempre, com emoção, as cenas de muita tensão do enterro do conhecido e querido Padre Henrique, com a liderança de Dom Hélder no cortejo fúnebre para o cemitério da Várzea.

Apesar de fortes evidências da participação do aparato repressivo vinculado ao regime militar em Pernambuco (notadamente policiais civis da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco), o processo, que se prolongou por quase 20 anos, absolveu todos os suspeitos sob a alegação de falta de provas. Ao contrário do que foi oficialmente anunciado pelo inquérito, no início da segunda década do século XXI, na Comissão Estadual da Memória e Verdade, Dom Helder Camara desvendou o complô que matara o jovem padre colaborador do Arcebispo de Olinda e Recife:

A vasta prova documental, testemunhal e pericial, produzida na época, hoje ampliada pelo trabalho exercido por esta Comissão e abertura dos arquivos secretos, sistematizada por familiares, amigos, autoridades do Poder Judiciário, Ministério Público do Estado de Pernambuco e pela Polícia do Estado provam, de modo incontestável, que o Padre Antônio Henrique foi assassinado com requintes de barbárie e sob forte tortura física. Seu corpo foi encontrado de bruços, em meio às altas folhas de capim. Apresentava sinais de estrangulamento, arranhões, cortes e hematomas profundos, uma corda de espessura mediana enlaçada ao pescoço e três disparos de arma de fogo em sua cabeça. O Padre Antônio Henrique morreu com apenas vinte e oito anos de idade (Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara, 2014, p. 11).

O assassinato do Padre Henrique impactou fortemente o clero da Arquidiocese de Olinda e Recife, mas foi o Arcebispo Dom Helder que assumiu a denúncia desse caso internacionalmente. No Brasil, cinco meses após a fatalidade, o Presidente da República deu um golpe duro na ordem constitucional e na sociedade brasileira criando o Ato Institucional nº 5 (AI-5), fechando o Congresso Nacional tendo como resultado foi a cassação de mandatos de parlamentares contrários aos militares, suspensão de quaisquer garantias constitucionais que eventualmente resultaram na institucionalização da tortura, morte e desaparecimento, comumente usada por agentes públicos configurando ação e instrumento do Estado. “Neste período existia uma certeza: nenhum indivíduo estaria a salvo de suspeitas e punições” (LIMA, 2020, p. 221). Dom Helder foi considerado inimigo “numero um” do regime, mas era demais assassinar um bispo tão influente no mundo. Matar um dos seus colaboradores poderia intimidá-lo, ao contrário disso, Dom Helder se

tornou a voz dos/as perseguidos/as, torturados/as e presos/as políticos e como sua voz foi silenciada no Brasil passou a gritar nos quatro cantos do mundo.

Quando o padre italiano, Vito Miracapillo, chegou em Pernambuco no final de 1975, encontrou em andamento a “igreja dos pobres”, sonhada pelo Papa João XXIII e foi a Igreja do Concílio Vaticano II que atualizou os documentos com as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979). A figura de Dom Helder em Recife era uma grande referência para um trabalho de igreja considerando as grandes inquietações da humanidade naquele momento. Por isso, o padre Vito canalizou seu foco em questões sociais, com o intuito de reconhecer as classes de minoria, trazendo-lhes dignidade.

Esses documentos tiveram grande receptividade na América Latina e a Teologia da Libertação² se espalhou além mar. Dom Pedro Casaldáliga afirmava: “Enquanto houver pessoas sendo oprimidas e enquanto houver Teologia Cristã, haverá Teologia da Libertação” (CASALDÁLIGA, 1985, p. 53). Também Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, vivendo profundamente todo esse contexto escreveu:

1964-1980 - Igreja popular e Estado de Segurança Nacional - Os fatos mais salientes são, no plano da Igreja, o final do Concílio Vaticano II (1965), com a aprovação da Constituição *Gaudium et Spes* (A Igreja no mundo de hoje), a encíclica de Paulo VI sobre o desenvolvimento dos povos e a distância crescente entre os países da abundância e os da miséria (*Populorum Progressio* - 1967); na América Latina, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968) e a III conferência em Puebla (1979). No plano político e econômico a mudança maior deu-se em 1964, com a subida dos militares ao poder, com a política de total abertura do país ao capital internacional, de rápida acumulação do capital, via compreensão salarial, concentração de renda nas mãos de poucos, modernização tecnológica, silenciamento dos sindicatos e liquidação por vezes físicas da oposição, sobretudo após a instauração do Estado de arbítrio com o Ato Institucional nº 5. Os conflitos iniciais da Igreja com o Estado por causa da prisão de militantes cristãos da Ação Católica, de colaboradores do MEB, agravaram-se depois de 1968, com a

² Teologia da Libertação é uma abordagem teológica cristã que enfatiza a libertação dos oprimidos. Em certos contextos, envolve análises socioeconômicas, com preocupação social com os pobres e a libertação política dos povos oprimidos.

prisão e expulsão de inúmeros padres, processos contra bispos, instalação da tortura de modo generalizado, levando a Igreja a uma virtual ruptura com o regime (CARDEAL ARNS, 1981, p. 134).

Nessa época, no Estado de Pernambuco e por todo Brasil, proliferaram as CEBs, tanto na cidade como no campo. Essas comunidades eram acompanhadas por animadores/as religiosos entusiasmados/as e o Padre Vito Miracapillo era um deles. Era um profeta no meio do povo sofrido. O profeta é aquele/a que tem a palavra de denúncia, que anuncia, consola e constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém, nem a sociedade, pode viver e quando a fala é acompanhada de um compromisso efetivo e afetivo, as consequências logo são percebidas.

O povo de Ribeirão, “crucificado” nos canaviais, em definitivo, foi o sentido da missão do Padre Vito, com a pronta solidariedade do Padre Reginaldo. A América Latina estava reagindo aos golpes de Estado, vale o registro que se espelhavam os martírios na América Latina em março de 1980 com Dom Oscar Romero, santo mártir da Igreja dos pobres, ao se colocar no seguimento de Jesus de Nazaré (SOBRINO, 2007).

Com a injusta expulsão³ do Padre Vito Miracapillo do Brasil, o Padre Reginaldo Veloso, poeta e compositor, então administrador do Santuário de Nossa Senhora da Conceição no Recife, compôs o hino *Vito, Vito, Vitória*. Foi o bastante para também ser processado por compor uma música de protesto, não esqueçamos que eram “os anos de chumbo”. Vejamos a letra da música abaixo, somente gravada em 2012, no CD comemorativo dos 20 anos da Associação Nacional de Presbíteros (ANPB), “Servidores do Reino, assim na terra como no Céu”, na sétima faixa:

No Ribeirão da opressão alguém de longe vem ser irmão,
/:ser companheiro na escravidão na caminhada libertação...:/

Senhor-de-engenho dono de usina do lucro segue a disciplina:
/:ganhar dinheiro é sua sina só ambição é sua rima!:/

³ Padre Vito Miracapillo, missionário italiano atuava na cidade de Ribeirão, diocese de Palmares/PE, no final da década de 1970 e desenvolvia um trabalho junto aos camponeses apoiando suas reivindicações por direitos. Foi montado uma farsa pelos usineiros e senhores de engenho que culminou com o decreto presidencial do governo militar - evocando o Estatuto do Estrangeiro - de expulsão do religioso em outubro de 1980.

VITO, VITO, VITÓRIA!

No Ribeirão da opressão alguém proclama a redenção
/:é perseguido contradição: ser companheiro dá expulsão...:/

Onze juízes um tribunal onze o supremo coito venal
/:onze, a vergonha nacional pisam o Direito celebram o mal!:/

VITO, VITO, VITÓRIA!

No Ribeirão da opressão é sexta-feira e da paixão
/:crucificaram de nós o irmão “o pai dos pobres” do
Ribeirão...:/

Palha de cana e sol a pino corta o facão desde menino
/:desce o suor e o pelo fino queimando a carne explode o
hino:::/

VITO, VITO, VITÓRIA!

No Ribeirão da opressão mais uma vez vence a paixão
/:vence o amor encarnação que se fez cruz ressurreição!:/

Você se foi ficamos nós fica a semente da sua voz
/:ficamos juntos não ‘stamos sós se apagam um sol nascem
mil sóis!:/

VITO, VITO, VITÓRIA!

O compromisso com os/as empobrecidos/as é uma característica fundamental da igreja de Jesus e foi o que permeou por toda vida do Padre Reginaldo. “O ser ‘dos pobres’ é um aspecto fundamental e determinante do mistério da Igreja” (AQUININO JUNIOR, 2021, p. 53). Por isso, as Comunidades Eclesiais de Base expressam uma “Igreja que nasce da força do Espírito no meio do povo” (BARROS, 1996, p. 21). Todo tempo que Padre Reginaldo Veloso viveu no Morro da Conceição (1978 - 2022) preocupou-se em ensinar ao povo a exercer a cidadania com dignidade e é nesse contexto que compreenderemos porque deixou tanta saudade.

Quem parte leva saudade de alguém... Mas deixa uma herança preciosa

Assumindo-se como presbítero leigo das CEBs, Reginaldo casou-se com Edileuza Veloso em abril de 1994. Desse amor nasceu o filho João José, atualmente com 27 anos, namorando minha filha Lara Paulino. A partir desse momento, nossa amizade somente cresceu em humanidade e espiritualidade. Conheci um Reginaldo que gostava de jogar dominó, saborear uma boa comida, passear e tomar um bom vinho. Para quem teve a graça de participar desses momentos, escutava palavras de sabedoria. A esposa, Edileuza Veloso, por ocasião da entrega do título de Cidadão Pernambucano para o Padre Reginaldo Veloso (*in memoriam*), afirmou: “Reginaldo, homem incrivelmente solidário, comprometido, correto, teimoso, seguro, companheiro, apaixonado, pai e marido amoroso, fiel as suas convicções. Gostava de festejar, comer, dançar, cantar, compor, jogar dominó, beber um bom vinho e nessas ocasiões, brindava sempre assim: “la cosa piu bela dela vita, l’amicizia” (como dizia um amigo italiano), “a coisa mais bela da vida, a amizade”.

Na etapa final da peregrinação terrena, com as forças físicas diminuídas diante dos problemas de saúde, seguiu sempre com muita esperança dizendo: “ainda tenho muita coisa para fazer”. Mesmo debilitado, mantinha semanalmente uma Folha Litúrgica com a riqueza bíblica da celebração do domingo, fazendo uma *live* no canal MTC da classe trabalhadora. Presidiu a última celebração da Ceia do Senhor na Quarta-Feira de Cinzas de 2022, na Comunidade da Imaculada Mãe do Senhor no Morro da Conceição e, como de costume, fez um ensaio de seus belos hinos com a comunidade.

Segue um breve testemunho de quem acolheu seu “adeus”. “Sexta-feira da Paixão de 2022, o calendário marcava 15 de abril. Por volta das dezoito horas, socorri para o hospital Padre Reginaldo me juntando a sua esposa e seu filho. Tive a graça de acompanhá-lo nessa peregrinação final, revezando com sua esposa a cada noite na UTI. A cada dia, rezávamos o ofício da noite e da manhã. Cantávamos sempre seus hinos pascais a partir do Ofício Divino das Comunidades. Ele acompanhava com seu olhar atento e meneava a cabeça quando falávamos os nomes de pessoas queridas da caminhada”.

Foi uma paixão que durou 32 dias de hospital, sendo sepultado em um sábado. De sexta-feira para sábado, reinou um grande silêncio. Os/as empobrecidos/as o acolheram em uma escolinha, tudo muito simples. Durante o velório, os testemunhos aconteceram na madrugada. Pessoas de muitos lugares chegavam e alguns traziam seus instrumentos para cantar músicas que Padre Reginaldo mais gostava, como por exemplo, “Por um dia de Graça”, de Luiz Carlos da Vila. O dizer de Ana Nunes, que viajou 175 quilômetros para a celebração final, destacou o clima reinante no velório: “esse momento parece mais uma festa. Sentimos muita consolação entre todos presentes. Parece que o sertão se abriu em flor”.

Padre Reginaldo Veloso deixou-nos o testemunho como um grito profético. Seu ministério foi muito além da reforma litúrgica, exercido a partir de preocupações com a vida quotidiana do povo, da classe trabalhadora. Sendo admirável como conseguia socializar com naturalidade do comentário do Evangelho, de assuntos da Liturgia aos problemas da vida, ao consolo dos/as empobrecidos/as, da denúncia dos malfeitos dos poderosos aos grandes desafios do país... Um presbítero consciente de sua tarefa de “magistério presbiteral” que exerceu até o fim, renovando-a com admirável lucidez - escrevendo e compondo - e coragem profética até os últimos dias, da maturidade de 84 anos. Reginaldo será sempre recordado como ressuscitado e presente, isso porque:

(...) há uma memória que é mera recordação do passado; é uma memória morta, uma memória arquivada, uma memória do que já não está vivo. Há uma memória arquivada, uma memória do que já não está vivo. Há outra memória arquivada, uma memória que faz o passado presente, não como mera recordação, mas como presença viva, como algo que sem ser mais presente, tampouco é totalmente ausente porque, definitivamente, é parte da própria vida; não da vida que foi e passou, mas da vida que continua sendo. (ELLACURÍA, 2002, p. 115).

Padre Reginaldo Veloso nos deixou uma lição de sabedoria: aceitar que o tempo não estica, é incrivelmente breve e que, por isso, temos de vivê-lo com todo o equilíbrio possível. Ensinou-nos que a vida deve ser vivida no

sentido mais pleno somente alcançado na partilha e no dom, mostrou-nos, como escreveu o teólogo Aquino Júnior, que

(...) no rosto de todos os seres humanos, especialmente quando marcados pelas lágrimas e pela dor, brilha a face de Cristo e que na face de Cristo se deve reconhecer o rosto do Pai Celeste. Por isso, podemos e devemos dizer que ‘é preciso conhecer o ser humano para conhecer a Deus. (AQUINO JÚNIOR, 2019, pp. 36-37).

Considerações finais

Padre Reginaldo Veloso ajudou muita gente a rezar e se mobilizar por direitos, a entender que a fé precisa estar enraizada nas mobilizações do povo e experimentada na vida para depois ser celebrada em comunhão. Como cocriador do *Ofício Divino das Comunidades* fez um grande esforço de inculturação da liturgia das horas com uma linguagem orante, poética e musical para que tudo fosse ao alcance do povo mais simples. Com uma grande contribuição à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) fazendo parte da equipe de assessores para a liturgia. Uma pérola musical foi o cântico de sua autoria que, sobretudo no tempo do Advento, é cantada por uma enormidade de comunidades espalhadas por todo Brasil: “Da cepa brotou a rama”.

Em agosto de 2018, Reginaldo Veloso, deixou anotado na agenda: “O bom é poder sentir que a vida da gente tem um significado maior para outras pessoas, que a gente não vive para si. Que podemos encontrar um sentido para viver servindo à Igreja, à humanidade e à felicidade dos outros (...) Acredito que toda pessoa que procura dar sentido maior à sua vida, servindo à humanidade, se empenhando em todas as ações e manifestações da vida do povo vive mais plenamente e tem prazer em viver”.

Poeta, amante das artes e suas linguagens, tinha convicção que as escolas deveriam estar repletas da beleza da arte, e essas têm o poder e a força de salvar vidas. Como um grande educador, e seguidor de Paulo Freire, apostava em uma educação conscientizadora e libertadora. Escrevendo sobre um poeta, não poderíamos terminar de maneira diferente a não ser com uma poesia do próprio autor. Reginaldo Veloso trabalhou quase duas décadas como

animador cultural e intitulou uma poesia: *Cordel do Animador Encantado* (VELOSO, 2022, p. 219).

Ouvi dizer, outro dia,
E ainda guardo o recado,
Que a verdadeira esperança
É sonhar, mesmo acordado,
Acreditar que outro mundo,
Por um milagre profundo,
Pode ser edificado.

Mas esse mundo sonhado,
Que foi meu sono insistente,
Começa no coração,
No interior da gente,
Lá onde as inspirações
Nos fazem ser diferente.

Para tanto é mais que urgente
Convocar, de todo canto,
Gente que tem, na cabeça
E no coração, o encanto:
A arte de animar,
De a Vida cultivar,
Como o que há de mais santo!

Referências

AQUINO JUNIOR. Francisco de. *A igreja de Jesus: missão e constituição*. São Paulo: Paulinas, 2021.

AQUINO JUNIOR. Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas/UNICAP, 2021.

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos: as romarias da terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de. *Dom Hélder: o artesão da*

paz. Brasília: Editora do Senado Federal, 2000. (Coleção Brasil 500 Anos)

CASALDÁLIGA, Pedro. *Com Deus no meio do povo*. espiritualidade no conflito. São Paulo: Paulinas, 1985.

COMISSÃO ESTADTUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA. Secretaria da Casa Civil. *Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto*. Recife (PE), 2014.

ELLACURÍA, Ignacio. Memória de monseñor Romero. In: *Escritos Teológicos III*. San Salvador: UCA, 2002, p. 13.

LIMA, Luiz Octavio de. *Os anos de chumbo: a militância, a repressão e a cultura de um tempo que definiu o destino do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2020.

ROCHA, Zildo. *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINO, Jon. *Monseñor Romero*. San Salvador (El Salvador): UCA Editores, 2007.

VELOSO, Reginaldo. *Juventude em movimento, um projeto para a vida*. Uma experiência de Animação Cultural entre Adolescentes das Escolas da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Recife: FUNCULTURA, 2022.

Trabalho submetido em 03/10/2022.

Aceito em 06/12/2022.

José Artur Tavares de Brito

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Recife (2020). Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco (1999). Possui Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1996), Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife (1987). É especialista em Educação à Distância (2011) pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6520-5184>. E-mail: arturperegrino@gmail.com.